

MILTON HATOUM

Dança de enganos

1ª reimpressão



O Lugar Mais Sombrio

VOLUME II — PONTOS DE FUGA

No volume anterior da trilogia *O Lugar Mais Sombrio*, *Pontos de fuga*, seguimos acompanhando a formação sentimental, cultural e política do jovem Martim durante a ditadura militar brasileira. O protagonista deixa Brasília e retorna a São Paulo, onde ingressa na faculdade de arquitetura e passa a morar numa república de estudantes.

Distante do pai opressor e dos amigos de Brasília, e sobretudo afastado de Dinah, a atriz com quem sua relação ficou estremecida, ele assiste ao endurecimento do regime autoritário, ao mesmo tempo que experimenta as agruras e adversidades da vida adulta.

Na cidade, Martim tem de reconstruir sua relação afetiva com pessoas e lugares. A rua da infância e do início da adolescência, por exemplo, é o local que abriga a temida sede do dor-Codi. A partir de anotações, cartas e bilhetes, e como se estivesse destinado a um eterno exílio, acompanhamos seus dias, sempre assombrados pela incógnita do desa-

parecimento da mãe, Lina, que neste terceiro volume da série tomará a frente da narrativa, trazendo à tona segredos e uma nova perspectiva à história.

Tua vida ainda é um mistério. Quem proíbe o nosso encontro? Que demônio é esse?

Reli essas frases da última carta. Meses depois, Martin me enviou outra, uma folha com uma caligrafia de inseto, acho que para não ser lida. Ou para não ser lida por mim?

Apenas a data timbrada no envelope era legível: 5 dez. 1972. Palavras ocultas podem nos separar para sempre; essa folha interrompeu a correspondência, mas o tempo de silêncio tem uma história, por isso decidi escrever sobre minha vida e a das pessoas ao meu redor, embora ainda desconheça o demônio que proíbe o encontro com meu filho.

1.

Na Quarta-Feira de Cinzas de 1969, fui da rodoviária de Santos ao Cemitério da Filosofia, mas não cheguei a tempo para o enterro do meu pai. Levei um buquê de flores brancas para o finado Mariano Ríos, e uma rosa vermelha, viva de tão fresca, para outro defunto. Dois homens ainda estavam diante do túmulo, talvez pensassem na amizade dos três marinheiros, subtraída pela morte recente do Mariano. Os sobreviventes eram Jorge Badrouz e Oscar Doherty; usavam uniforme da Marinha Mercante, Jorge tirou o quepe para me dar os pêsames e deixou-o sobre a lápide: "Mariano e meu irmão navegaram para o inferno sem sair do porto, Lina".

Foi embora sem falar da viagem ao inferno. Oscar Doherty, ao meu lado, segurava uma palma-de-santa-rita na mão direita. Vi no túmulo do Mariano coroas de flores enviadas por mestres de cabotagem, oficiais de quarto e pilotos de rebocadores; vi um cacho de orquídeas brancas com as condolências da Delinha, e uma coroa grande e vistosa,

enlaçada por uma faixa dourada com o nome da minha mãe, Ondina, dos “filhos Dácio e Lina”, do “neto Martim” e o do “genro Rodolfo”. O nome do meu ex-marido seria uma mensagem maledicente para mim ou um insulto à memória do morto? Por um momento, a raiva foi mais forte que a dor.

Doherty e eu, de braço dado, andamos até o jazigo da família dele: “A gente deve se conformar com a morte, Lina, mas até hoje sinto que a vida me traiu”.

Conversamos um pouco e nos despedimos com um aperto de mão e beijos no rosto: mãos frias, rostos mornos e umedecidos. Oscar Doherty, capitão de longo curso, ainda usava o uniforme de tantas travessias, mas perdera o garbo e o sorriso de outros tempos. Saí do cemitério e fui andar na Ponta da Praia, até me convencer de que o nome do meu ex-marido na faixa dourada não era maledicência da Ondina, e sim um gesto peculiar de decência.

Ela e Delinha estavam no quintal, minha mãe soluçou enquanto me abraçava. A morte do Mariano ia nos livrar de todas as mágoas? Delinha abriu a gaiolona, os passarinhos sumiram, só dois tiês-sangue pousaram na aroeira. As gaiolas pequenas, já vazias, ainda estavam penduradas no beiral da edícula.

“Os pássaros e os anjos vão se encontrar com o finado”, disse Ondina. “Teu pai... Por que você não chegou antes? Dácio não avisou?”

“Ele ligou para uma escola em Campinas e disse que o enterro seria às quatro da tarde. Você antecipou para as onze da manhã. Não tenho telefone no sítio, mãe.”

“Você se esconde no mato, sempre vai ser tarde demais, Lina. Mas nunca é tarde para voltar a viver com teu marido e teu filho. Só assim você vai ser perdoada.”